

O HOMEM ADULTO E VELHO E O ENVOLVIMENTO COM OS FILHOS: estudo de caso em camada popular de Salvador/Bahia¹

Ana Marcela Silva do Nascimento²

Lúcia Vaz de Campos Moreira³

RESUMO

A presente investigação objetiva analisar o envolvimento paterno ao longo do curso de vida dos filhos, em camada popular de Salvador/BA. A pesquisa é qualitativa, com estudo de caso, e teve como participante um pai residente em bairro de classe popular de Salvador/BA. Como instrumento foi utilizado o “Roteiro de Entrevista sobre Envolvimento Paterno ao Longo do Ciclo Vital”, contendo questões abertas e fechadas. Para a coleta de dados foi convidado um pai acessível à primeira autora, considerando os seguintes critérios de inclusão: residir em Salvador; ter entre 40 e 49 anos; ser pai; seu próprio pai estar vivo e ser da classe D, conforme critério do Censo 2010 (IBGE), com renda mensal familiar acima de um a três salários mínimos. A entrevista foi realizada em local de conveniência para o pai, que optou pela própria residência. O participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a entrevista foi gravada para que nenhuma informação se perdesse. Após a transcrição da gravação da entrevista, os dados obtidos foram analisados de forma descritiva. Principais resultados: persiste a importância do papel de provedor para o pai de camada popular. Ser pai é concebido como padecer no paraíso, algo muito bom, mas também implica ser responsável e dar tudo de si. Tanto na infância, quanto na adolescência, o envolvimento entre pai e filho ocorreu principalmente pela decisão do pai em estar envolvido. Há necessidade de estudos que aprofundem a temática.

Palavras-chave: Família. Envolvimento paterno. Poder familiar.

1 INTRODUÇÃO

A família apresentou diversas modificações desde a importação do modelo patriarcal para o Brasil até o presente momento. Neste sentido, Farias e Rosenvald (2010, p. 43) afirmam que ocorreu a consagração da “igualdade substancial no plano familiar, excluindo todo e qualquer tipo de discriminação decorrente do estado sexual”. Por sua vez, em meio a este contexto, a figura paterna passa a distanciar-se da imagem tradicional, no entanto, ainda sem cortar laços completamente, como apontam Souza e Benetti (2009). Para compreender os reflexos de tais transformações, no entanto, faz-se necessário considerar as particularidades dos indivíduos.

Este texto objetiva analisar o envolvimento paterno ao longo do curso de vida dos filhos, em camada popular de Salvador/BA. O presente estudo faz parte de uma

¹ Este texto constitui parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Envolvimento paterno ao longo do curso de vida dos filhos e os reflexos das mudanças no ordenamento jurídico brasileiro quanto ao poder familiar”, de autoria de Ana Marcela Silva do Nascimento, que foi orientada por Lúcia Vaz de Campos Moreira. O trabalho foi apresentado e aprovado em junho/2020, na Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador.

² Bacharel em Direito pela Universidade Católica do Salvador. E-mail: anamarcela.07@hotmail.com

³ Doutora em Psicologia (USP), professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal), do Curso de Especialização em Família: Relações Familiares e Contexto Social e do Curso de Psicologia (UCSal). E-mail: lucia.moreira@ucsal.br

pesquisa maior intitulada “Envolvimento do pai com o filho em diferentes fases do ciclo vital: contribuições interdisciplinares para fundamentar políticas públicas voltadas à paternidade responsável”, desenvolvida pelo grupo de pesquisa “Família e Desenvolvimento Humano”, liderado pela segunda autora, Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira. O estudo maior tem como participantes 60 homens residentes em Salvador/Bahia, sendo 30 de classe média-alta e 30 de classe popular.

No texto constam: uma revisão de literatura, o método do estudo, os resultados encontrados, a discussão dos dados obtidos à luz da literatura e as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico será apresentada uma revisão de literatura acerca da paternidade e das mudanças sociais e do envolvimento paterno no contexto de baixa renda.

2.1 PATERNIDADE E MUDANÇAS SOCIAIS

O *pater familias*, termo latim que em português significa “pai de família”, era o estatuto familiar mais elevado na Antiguidade, o qual possuía poderes ilimitados sobre os filhos. Séculos depois, com a colonização, o Brasil importou o modelo de família portuguesa, marcada pelo patriarcalismo, que permaneceu como modelo ideal de família durante longos anos. (ANDRADE, 2005).

O Código Civil de 1916 incorporou o conceito de pátrio poder e dispôs taxativamente o marido/pai como titular desta função, cabendo somente a ele exercer este poder sobre os filhos menores, de modo que, apenas nas hipóteses de ausência ou impedimento quanto à sua figura, é que a esposa poderia chefiar a sociedade conjugal. De acordo com Petrini (2005), este modelo de família patriarcal brasileira começa a decair no final do século XIX, momento em que o pai deixa de ocupar o lugar central na família e de possuir a responsabilidade exclusiva pelas decisões do grupo familiar. Conforme Andrade (2005, p. 4),

Até antes do novo Código Civil, ainda era praticamente unânime a compreensão tradicional do poder familiar como sendo basicamente uma forma de autoridade – no caso, dos pais sobre os filhos, uma versão contemporânea do que teria sido a autoridade do *pater familiae* sobre os seus filhos e seus bens.

Therborn (2006), em estudo baseado em fontes globais e mapeamento detalhado das mudanças da família e do patriarcado como sustentáculo das relações sociais no século XX, analisa as transformações estruturais pelas quais a família

passou, por meio de três fatores principais: o patriarcado e as relações entre pais e filhos, homens e mulheres; o papel do casamento ou da ausência deste como determinante no comportamento sexual e o processo histórico da fecundidade e do controle de natalidade. O referido autor destaca como a sociedade tinha como base o poder e a superioridade dos homens sobre os filhos e esposas. Além disso, aponta que, no século passado, diversas alterações ocorreram em razão de conquistas referentes aos direitos das mulheres e das crianças e menciona o patriarcado como o grande perdedor desde então.

Ao passo em que a sociedade e, conseqüentemente, a família modificaram-se, a Constituição Federal de 1988 acompanhou tais mudanças apresentando em seu texto o termo poder familiar e, partir daí, segundo Andrade (2005), a família deixou de ser pensada como uma unidade de dominação ou de exercício do poder dos pais sobre os filhos e passou a ser vista como uma relação mútua de assistência.

Conforme Ariès (1981, apud SANTOS; MOREIRA, 2016, p. 48), além de diminuir a autonomia da mulher, o patriarcado direcionava ao primogênito a responsabilidade pela proteção dos bens familiares, visto que surgiu como tentativa de impedir a divisão patrimonial, sendo a família considerada célula social, fundamentada pelo poder do Estado. Deste modo, Donati (2008, p. 62) pontua que ocorreu um “processo de desinstitucionalização, entendida como a diminuição de certas expectativas públicas a respeito da família, a favor de uma maior legitimação como grupo social expressivo do mundo vital”.

O texto da Carta Magna, conforme Farias e Rosenvald (2010), passa a versar sobre a igualdade entre homem e mulher, dispondo que os direitos e deveres relativos ao matrimônio devem ser exercidos por ambos, de modo que “a evidente preocupação constitucional em ressaltar a igualdade substancial entre homem e mulher parece decorrer da necessidade de pôr a cobro a um tempo discriminatório em que o homem chefiava a relação conjugal, subjugando a mulher” (FARIAS; ROSENVALD, 2010, p. 43). Diante disso, a família matrimonializada torna-se cada vez mais pluralizada, bem como sua característica patriarcal perde espaço para características democráticas e a hierarquia dá lugar à igualdade. Vê-se, portanto, que “com esse espírito, não se pode olvidar que a família está sempre se reinventando, se reconstruindo. Transforma-se a cada momento e espaço, naturalmente, renovando-se em face da sua própria estrutura cultural” (FARIAS; ROSENVALD, 2010, p. 10).

2.2 ENVOLVIMENTO PATERNO E QUESTÕES SOCIOECONÔMICAS

As mudanças sociais pelas quais a família passou ao longo do século XX, principalmente no que tange ao declínio do modelo patriarcal, possibilitaram que o homem assumisse outros papéis no cotidiano familiar. De acordo com Souza e Benetti (2009), o pai, que era apenas provedor, passou a compartilhar a renda familiar com a esposa, visto que as mulheres também passaram a assumir tarefas fora do âmbito doméstico. Assim, o referido século foi marcado por fatores como a participação da mulher no mercado de trabalho; a ausência de determinados pais ao longo da vida dos filhos; em contrapartida, outros pais apresentaram envolvimento com filhos pequenos e houve o crescimento da diversidade cultural (CABRERA; TAMIS-LEMONDA; BRADLEY HOFFERTH; LAMB, 2000).

Os autores mencionados ressaltam, ainda, que o papel do pai encontra-se em transição, visto que as funções estão se redefinindo. Deste modo, conforme Filgueiras e Petrini (2010), os homens vêm acessando novos modelos de paternidade que, anteriormente, eram dificilmente associados à figura paterna. Segundo Levandowski, Antoni, Koller e Piccinini (2002) e Lamb (1992), este movimento vem sendo conhecido como “a nova forma de paternidade” ou apenas “a nova paternidade”. No entanto, Souza e Benetti (2009) ponderam que, embora este novo pai seja consideravelmente diferente do patriarca, não houve uma dissociação completa, haja vista que com ele coexiste o modelo tradicional do pai provedor. Para Lamb (2010), é de suma importância a presença da figura paterna e seu envolvimento com os filhos. A partir disso, o autor classifica o envolvimento paterno em três dimensões: interação, acessibilidade e responsabilidade. A interação diz respeito ao tempo passado efetivamente com a criança e relaciona-se com a importância de estar junto. A acessibilidade compreende as atividades que não demandam interação direta, as quais podem ser executadas sem a necessidade da presença física. Implica estar disponível para atender às demandas do filho. A responsabilidade, por sua vez, está relacionada à preocupação com os cuidados e necessidades para garantir o bem-estar da criança. Percebe-se, então, que as transformações que o pai vivencia na atualidade são consequência de uma paternidade mais sensível e participativa, caracterizada por um possível envolvimento mais saudável e efetivo (SANTOS; MOREIRA, 2016).

Santos e Moreira (2016) pontuam, também, que alguns aspectos interferem no envolvimento entre pais e filhos, podendo-se destacar a conjugalidade, o divórcio, as características do pai, o papel da mãe, a idade e o sexo dos filhos. As autoras citadas destacam, também, que “o aspecto *trabalho do pai* interfere sobremaneira no envolvimento” (p. 57) e mostra-se como um grande desafio quanto à conciliação

trabalho-paternidade.

Os efeitos dos conflitos, assim como da harmonia conjugal, são sentidos pelas crianças, conforme aponta Lamb (2010). Neste sentido, Silva e Piccininni (2007) concordam que, em relacionamentos conjugais com mais diálogo e menos conflito, o envolvimento paterno tende a ser mais satisfatório. No que tange ao divórcio, notam-se prejuízos relativos a determinados papéis paternos que acabam não sendo preenchidos, como a relação emocional e as funções social e econômica, no entanto, não há que se ter uma visão determinista quanto a estes aspectos, desconsiderando as singularidades de cada criança, do pai e dos contextos em que estão inseridos (LAMB, 2010). A decisão do pai em estar envolvido também precisa ser considerada, o que pode ser reflexo positivo da conjugalidade (LAMB, 1992). Além disso, conforme Fiterman (2018), assumir o papel de pai faz com que o homem reflita, passando a avaliar como foi criado, como quer ser pai, seus valores, moral e comportamentos. Por sua vez, conforme Lamb (1992), cumpre salientar que algumas mulheres podem resistir à participação do homem nos cuidados com a criança, optando por manter exclusividade e autoridade nesta função, de modo que, em famílias nas quais a mãe trabalha fora, percebe-se maior envolvimento paterno do que nas famílias em que a mãe não possui um emprego.

Além do mais, Lamb (1992) aponta que os pais costumam dedicar mais tempo aos filhos em idade pré-escolar, mas afirma que, em geral, os pais estão mais envolvidos com os filhos do que com as filhas, independente das idades, vínculo também constatado em pesquisa realizada por Moreira e Rabinovich (2010). No estudo "*Fathering in Brazil: a diverse and unknown reality*", Bastos, Volkmer-Pontes, Brasileiro e Serra (2013) discutem a necessidade de considerar a classe social das famílias e ressaltam que a tendência de ignorar os aspectos econômicos, sociais, educacionais, étnicos e culturais constitui uma das maiores limitações dos estudos psicológicos no Brasil. Os autores consideram que não é possível falar de um padrão de paternidade brasileira, pois esta é complexa e varia amplamente com a condição socioeconômica e o nível de escolaridade do pai, visto que as variações subculturais da paternidade relacionam-se principalmente à classe social, o que também foi verificado no estudo realizado por Naro e Moreira (2017). Em estudo intercultural, Tudge (2008) observou que havia mais semelhanças na mesma classe em diferentes países do que em classes diversas no mesmo país.

Bustamante (2005) destaca a importância do papel de provedor para o pai de classe popular, pois entende que sua função é não deixar faltar nada aos filhos.

Embora o pai reconheça a necessidade de momentos de lazer, a dinâmica em que vive e a ausência de recursos podem prejudicar o convívio. Neste sentido, Backes *et al.* (2018), em estudo voltado a identificar fatores que interferem no envolvimento paterno de pais de crianças entre quatro e seis anos, ao analisarem a subcategoria “modelo do próprio pai” perceberam que “prevaleceu o modelo de pai provedor, que trabalhava fora de casa e cuja preocupação central era o sustento da família” (p.7). Tudge (2008) identificou que pais de classe média despendem maior tempo com as crianças envolvidos com atividades de ensino e brincadeiras, enquanto pais de camada popular gastam esse tempo conversando com os filhos. A socialização por meio do trabalho pai-filho também ganha destaque entre as famílias de baixa renda, que usam este método como meio de prevenir a delinquência e preparar a criança para a inserção no mercado de trabalho futuramente. É comum os pais ensinarem os meninos e as mães ensinarem as meninas, o que promove um engajamento precoce das crianças em diversas atividades, no entanto, o cenário torna-se mais complexo pela recorrência do desemprego ou subemprego desses pais. Além disso, neste contexto, a figura paterna destaca-se como autoridade moral, enquanto as mães são responsáveis por manterem a unidade familiar por meio do cuidado (BASTOS; VOLKMER-PONTES; BRASILEIRO; SERRA, 2013).

Enfim, ainda em relação ao contexto de desemprego, Souza e Benetti (2008) constataram que os pais que recebiam contribuições de familiares ou de outras fontes estavam mais envolvidos com os filhos do que os pais que não recebiam contribuições de nenhuma natureza. Sobre este fato, Gomes e Alvarenga (2016) afirmam que, além da privação de recursos materiais, a ausência do trabalho acarreta também problemas emocionais, isto porque, como mencionado, a figura paterna ainda está vinculada ao papel de provedor, sobretudo na camada popular.

3 MÉTODO

Segundo Minayo (2002, p. 16), entende-se por metodologia “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, o que inclui as “concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”.

3.1 DELINEAMENTO

Na presente investigação, aplicou-se o estudo de caso, que, conforme Gil (2002), é uma investigação aprofundada sobre objetos que podem ser um indivíduo,

uma organização, um grupo ou um fenômeno e que pode ser aplicado nas mais diversas áreas do conhecimento, possibilitando que o objeto estudado tenha sua unidade preservada, mesmo que ele se entrelace com o contexto onde está inserido; que sejam formuladas hipóteses e teorias; e permite a explicação de variáveis em situações ainda que complexas.

3.2 LOCAL E PARTICIPANTES

O estudo teve como participante um pai residente em bairro de classe popular de Salvador/Bahia. O participante era da classe D, conforme critério do Censo 2010 (IBGE), com renda mensal familiar acima de um a três salários mínimos.

Constam, a seguir, alguns dados sobre o participante, com nome fictício, objetivando preservar a identidade dele.

Tabela 1 – Dados sobre o participante

Nome fictício	Idade (em anos)	Escolaridade	Profissão e carga horária semanal de trabalho	Renda pessoal mensal	Religião	Etnia	Estado civil
Adriano	43	Ensino Médio completo	Desempregado (renda de aluguel de imóvel e trabalhos eventuais)	Um salário mínimo	Protestante	Parda	Casado no civil e no religioso

Fonte: As autoras.

Observa-se que o pai tinha 43 anos de idade e Ensino Médio completo. Estava desempregado, tendo como renda o aluguel de imóvel e trabalhos eventuais. Era protestante e considerava-se pardo. Com relação ao estado civil, era casado (no civil e no religioso).

3.3 INSTRUMENTO

Para a coleta de dados foi utilizado o “Roteiro de Entrevista sobre Envolvimento Paterno ao Longo do Ciclo Vital”, elaborado pelo grupo de pesquisa “Família e Desenvolvimento Humano”/UCSal, liderado pela Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira. O instrumento contém questões abertas e fechadas, abordando: dados de identificação; dados sobre a família; paternidade e envolvimento do pai do participante com ele; repercussões do envolvimento paterno no desenvolvimento; envolvimento do participante com o(s) seu(s) filho(s); envolvimento do participante com o pai idoso; classe socioeconômica e envolvimento; masculinidade e paternidade.

3.4 PROCEDIMENTOS

O projeto de pesquisa maior, intitulado “Envolvimento do pai com o filho em diferentes fases do ciclo vital: contribuições interdisciplinares para fundamentar políticas públicas voltadas à paternidade responsável”, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal (CAAE: 47362315.2.0000.5628). Para a coleta de dados do presente estudo, foi convidado um pai acessível à primeira autora, que se enquadrava nos seguintes critérios de inclusão: residir em Salvador; ter entre 40 e 49 anos; ser pai; seu próprio pai estar vivo, mesmo que não tenham convivência; ser da classe D (renda mensal familiar de mais de um a três salários mínimos).

A entrevista foi realizada em local de conveniência para o pai, que optou pela própria residência. O participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a entrevista foi gravada para que nenhuma informação se perdesse.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Após a transcrição da gravação da entrevista, os dados obtidos foram analisados de forma descritiva.

4 RESULTADOS

Neste tópico, será apresentado o caso.

Na infância e na adolescência, Adriano residia com os pais e 18 irmãos, visto que seus pais tiveram 19 filhos. Na vida adulta, passou a morar com a esposa (que não tinha trabalho remunerado, assim como o entrevistado, que estava desempregado) e com os dois filhos do sexo masculino que, à época da coleta de dados, um tinha 17 anos e o outro 10 anos de idade, sendo que residia ao lado da casa dos pais. A definição apresentada pelo participante a respeito do que é ser pai foi a seguinte: “Ser pai é como dizem, é padecer no paraíso. É muito bom, mas quando passamos por dificuldades tendo filhos, é bem mais difícil”.

Adriano sempre conviveu com o pai biológico, a quem considerava como figura paterna. Durante a infância, o envolvimento do pai de Adriano com ele foi moderado no aspecto interação e alto nos itens acessibilidade e responsabilidade. O que favoreceu o envolvimento do pai com ele, na infância, foi o fato de seu pai sempre ter sido responsável com ele e os irmãos. Quanto às atividades realizadas com o pai, na infância, comenta:

Eu lembro muito dos domingos que íamos todos juntos para a igreja,

todos os irmãos, meu pai organizava todo mundo e ensinava como deveríamos nos comportar, a ter reverência. Eu não tinha muitos momentos sozinho com meu pai, minha casa era sempre cheia.

Por sua vez, dificultou o envolvimento a falta de muito tempo livre. Na adolescência, o envolvimento do pai de Adriano com ele continuou moderado em interação e alto em termos de acessibilidade e responsabilidade. O que auxiliou o envolvimento do pai com ele, na adolescência, foi a responsabilidade em sustentá-los, embora não fosse de passar muito tempo conversando com os filhos. Por sua vez, considera que o fato de serem muitos irmãos pode ter dificultado o envolvimento, pois não permitia que o pai tivesse muito tempo livre em decorrência da alta carga horária de trabalho visando o sustento familiar.

Em seguida, na fase adulta (à época da realização da entrevista), o envolvimento do pai de Adriano com ele foi considerado alto em todas as dimensões (interação, acessibilidade e responsabilidade). O participante informou que nada dificultou o envolvimento nesta etapa e que a relação foi favorecida, pois:

[...] eu sou muito amoroso, pego ele, beijo, abraço, chamo de “meu véio”. Eu moro do lado da casa dele, também tem outros irmãos que moram perto, mas a maioria mora em outros bairros. Não é como antigamente que tinha 19 filhos ao mesmo tempo. Agora tem os netos, mas não é todo dia que estão todos juntos. Hoje em dia eu tento dar toda minha atenção a ele, para aproveitar todo o tempo. (Adriano).

Adriano considerou que o envolvimento que o pai manteve com ele ao longo da vida repercutiu de forma positiva no seu próprio desenvolvimento, justificando que influenciou, principalmente, no aspecto da responsabilidade. Por outro lado, considerou que o envolvimento do pai com ele não influenciou negativamente o seu desenvolvimento. No momento da entrevista, Adriano informou que se relacionava com o pai idoso de forma muito boa, sendo que a relação era favorecida pelo “meu jeito e a disponibilidade dele”. O entrevistado afirmou que nada dificultava a relação entre eles.

Como dito anteriormente, à época da realização da entrevista, o participante tinha dois filhos do sexo masculino e considerou que seu envolvimento com eles era alto nas três dimensões (interação, acessibilidade e responsabilidade). Segundo o entrevistado, “a disponibilidade, o amor, a vontade de estar perto” favoreceram o envolvimento com seus filhos. Por outro lado, comenta sobre o que dificultou o envolvimento:

Eu passei por um período bem difícil de depressão. Estou há um bom tempo sem conseguir emprego e isso me fez muito mal, sabe? Hoje estou bem melhor, mas teve um período que estava sendo medicado e

fiquei bem distante de tudo. Não sentia vontade de mais nada, nem de interagir com eles. Ao mesmo tempo, eu ficava triste por não estar participando como deveria e em ver eles me vendo daquele jeito, sem poder dar o que eles precisavam. (Adriano).

O entrevistado considerou que o envolvimento que o próprio pai teve com ele nas diversas fases da sua vida influenciou no envolvimento que Adriano mantinha com os filhos, pois aprendeu sobre educar com seu pai. O participante pontuou que a educação e a responsabilidade foram os aspectos do relacionamento do pai com ele que mais refletiram positivamente na relação que mantinha com os próprios filhos. Por outro lado, nada refletia negativamente.

O participante avaliou, ainda, que o envolvimento de seu pai com os netos dele (filhos do entrevistado) era alto nas três dimensões (interação, acessibilidade e responsabilidade). Adriano ponderou que o relacionamento dele com o pai influenciou na relação do seu pai com os netos, justificando que “somos uma família e na família tudo se aprende. Eu ensino meus filhos a cuidarem do avô deles em todas as situações”. O entrevistado avaliou que o envolvimento do seu pai com os netos (filhos do participante) também influenciou na relação que o pai estabelecia com o entrevistado, pois, segundo este, “me aproxima ainda mais dele”.

Com relação à classe socioeconômica e envolvimento, Adriano ponderou que tanto a condição financeira, quanto o trabalho e também o nível de escolaridade do seu pai influenciaram no envolvimento deste com o participante. Sobre a condição financeira, alegou que “com certeza deve ter influenciado, porque imagine criar 19 filhos sem ter condição. Claro que nada era fácil, mas ninguém nunca passou fome lá em casa”. Quanto ao trabalho, justificou que “nenhum pai fica bem quando está desempregado [...] eu vejo na prática o quanto minha saúde mental interfere no meu relacionamento com as pessoas”. Com relação à escolaridade, informou que “deve ter influenciado também, porque com tanta gente em casa e ele não deixar ninguém sem estudar [...] certamente foi importante”.

Por sua vez, Adriano avaliou que a sua condição financeira influenciava no envolvimento que mantinha com os filhos, bem como a sua falta de trabalho e o seu nível de escolaridade. No aspecto financeiro e em relação à situação de desemprego, justificou que agora ele está melhor, mas tais fatores já atrapalharam no envolvimento. Na questão da escolaridade, pontua que consegue acompanhar melhor o desenvolvimento dos filhos e entender o que eles estão aprendendo.

Adriano considerou que sua condição financeira, seu trabalho e seu nível de escolaridade impactaram no relacionamento que estabelecia, à época da entrevista,

com o pai idoso, pois acredita que “impacta em todos os meus relacionamentos”.

Quando questionado sobre as emoções demonstradas por seu pai na sua infância e adolescência, Adriano respondeu alegria e afeto/amor. Por sua vez, afirmou que as emoções demonstradas por ele mesmo à época da entrevista eram tristeza, alegria, afeto/amor.

Finalmente, quando questionado sobre as maiores dificuldades que o homem enfrentava, o entrevistado respondeu que era o desemprego. Em seguida, quanto às dificuldades enfrentadas pelo pai, o participante afirmou que também era o desemprego.

5 DISCUSSÃO

Na infância e na adolescência, o entrevistado residia com a família nuclear de origem. À época da entrevista, na fase adulta, o participante residia com a família nuclear constituída (o entrevistado, a esposa e os filhos), porém morava bem próximo aos genitores, o que favorecia o envolvimento entre eles. Além disso, à época da entrevista, Adriano estava desempregado, sendo que apenas ele contribuía para a renda familiar, realizando trabalhos eventuais e por meio de valores provenientes de aluguel de imóvel. Neste sentido, é possível perceber que persiste a importância do papel de provedor para o pai de camada popular, conforme também destaca Bustamante (2005).

Para o participante, ser pai é muito bom, mas também significa ter responsabilidades, educar, dar tudo de si e, por vezes, representa uma árdua caminhada.

O entrevistado conviveu com o pai biológico. Quanto ao envolvimento do pai do participante com ele, as dimensões da acessibilidade e da responsabilidade foram altas, em todas as fases da vida. No aspecto da interação, na infância e na adolescência, o envolvimento paterno foi moderado, passando para alto na vida adulta.

O envolvimento do pai do participante com ele foi favorecido pelos seguintes elementos: (a) na infância do entrevistado: a responsabilidade e a participação do pai; (b) na adolescência: a responsabilidade em sustentar o entrevistado e seus irmãos; (c) na vida adulta: o contato diário, o amor e o fato de morar próximo. Observou-se, então, que tanto na infância, quanto na adolescência, o envolvimento entre pai e filho ocorreu principalmente devido à responsabilidade que o pai tinha em relação ao filho e ao seu esforço para ser participativo, embora tivesse muitos filhos. Segundo Lamb (1992), a

decisão do pai em estar envolvido é um aspecto importante para o efetivo envolvimento.

Por sua vez, o que dificultou o envolvimento do pai do participante com ele foram os seguintes aspectos: (a) na infância do entrevistado: a falta de muito tempo livre; (b) na adolescência: o pouco tempo livre em decorrência do trabalho do pai para sustentar os filhos; (c) na vida adulta: nenhum aspecto.

O envolvimento do pai entrevistado com seu próprio filho foi alto para todas as dimensões, o que pode ser reflexo da relação com seu próprio pai ao longo da vida, visto que o participante pontuou que seu genitor era participativo e o único aspecto que dificultou o envolvimento foi o pouco tempo livre. Neste sentido, Beltrame e Bottoli (2010) afirmam que, para entender o envolvimento entre pai e filho atualmente, é necessário considerar questões da geração anterior, ou seja, a relação do próprio pai com ele. Por sua vez, Santos e Moreira (2016) pontuam que modelos de ausência paterna podem influenciar negativamente no envolvimento pai-filho, bem como podem impulsionar o pai a escolher perpetuar este modelo ou caminhar na direção oposta do que vivenciou. Porém, mesmo sem desejar, pode ocorrer o fenômeno da repetição, que consiste em reproduzir os comportamentos vivenciados ao longo da vida.

O pai entrevistado relatou que o envolvimento com os próprios filhos foi facilitado por tais fatores: a disponibilidade, o amor e a vontade de estar perto. Como mencionado, a decisão do pai em estar envolvido com o filho é um fator que deve ser considerado, podendo ser resultado positivo da relação conjugal mais harmoniosa (LAMB, 1992).

Adriano relatou que o desemprego e o período de depressão pelo qual passou foram fatores que o distanciaram da prole e, ao mesmo tempo, o deixavam triste por este motivo. Segundo Gomes e Alvarenga (2016), para o pai, a situação de desemprego gera mais do que a privação de recursos materiais, mas também problemas de cunho emocional. Além disso, a ausência do trabalho distanciava Adriano de seus filhos, isto porque, para Souza e Benetti (2008), os pais desempregados que não recebem contribuições familiares ou de outras fontes tendem a estar menos envolvidos com a prole.

Em relação à classe socioeconômica do pai do participante e o envolvimento com ele, a condição financeira do genitor foi avaliada pelo participante como influenciando no envolvimento por dar mais tranquilidade. O trabalho do pai foi considerado pelo entrevistado como tendo influenciado no envolvimento “por dar tranquilidade, pois é difícil um pai ficar desempregado” (Adriano). Já quanto à

escolaridade do pai, considera que influenciou, pois, mesmo com tantos filhos, seu genitor não deixou nenhum sem estudar.

No que diz respeito à classe socioeconômica do participante e o envolvimento dele com os filhos, a própria condição financeira foi avaliada como influenciando no envolvimento, sendo que este aspecto já atrapalhou a relação. O trabalho foi considerado pelo entrevistado como tendo influenciado no envolvimento, pois, assim como a condição financeira, ter um trabalho faz com que o pai esteja mais seguro e tranquilo. Por sua vez, a própria escolaridade foi considerada como tendo influenciado no envolvimento, pois conseguia acompanhar o desenvolvimento e entender o que os filhos estavam aprendendo.

O participante considerou que a maior dificuldade enfrentada pelo homem era o desemprego. Quando questionado sobre a maior dificuldade que o pai enfrentava, a resposta do entrevistado também foi o desemprego. Por fim, Adriano afirmou que demonstrava tristeza, quando questionado sobre suas emoções, além dos outros sentimentos citados, embora não tenha mencionado que seu pai demonstrava tal emoção. Cabe destacar, mais uma vez, a importância do trabalho e os reflexos da ausência deste na vida do pai de baixa renda, haja vista que tanto o próprio pai quanto a comunidade ainda o enxergam como o provedor, responsável pelo sustento da família. Vale, ainda, ressaltar que a família vem transformando-se cotidianamente, como exposto neste estudo e, sobretudo nas camadas populares, tais transformações ainda estão acompanhadas de resquícios da paternidade tradicional, o que confirma o mencionado por Souza e Benetti (2009) sobre a coexistência dos modelos do novo pai e do pai provedor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo analisar o envolvimento paterno ao longo do curso de vida dos filhos, em camada popular de Salvador/BA. A partir dos resultados obtidos, foi possível perceber que a paternidade se encontra em transição, isto porque a sociedade passou por grandes modificações no século XX e nesse início do século XXI, assim como a família. Neste sentido, entende-se que é necessário analisar os indivíduos a partir de suas peculiaridades.

Notou-se que o envolvimento do pai do participante com eles foi facilitado principalmente pelo desejo em estar envolvido, no entanto, foi prejudicado pela falta de tempo em decorrência do labor e pela quantidade de filhos. Além disso, os resultados

obtidos revelaram que diversos aspectos influenciam o envolvimento paterno, entre eles a classe socioeconômica, sobretudo no que tange à relação do pai de baixa renda com o trabalho ou a situação de desemprego. Neste contexto, ainda é comum a figura do pai como provedor, ou seja, o exercício da paternidade tradicional. No entanto, cumpre ressaltar a importância da decisão do pai em estar envolvido.

Por fim, levanta-se a necessidade de se realizar outros estudos que aprofundem a discussão do envolvimento paterno, considerando as particularidades dos sujeitos e os impactos da classe socioeconômica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, F. D. **Poder familiar e afeto numa perspectiva espinosana**. In: Família e dignidade humana: V Congresso Brasileiro de Direito de Família. Rodrigo da Cunha Pereira (Org.). São Paulo: IOB, 2006.
- BACKES, M. S.; BECKER, A. P. S.; CREPALDI, M. A.; VIEIRA, M. L. A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 61, p. 100-119, 2018.
- BASTOS, A. C. S.; VOLKMER-PONTES, V.; BRASILEIRO, P. G.; SERRA, H. M. Fathering in Brazil: a diverse and unknown reality. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds.). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 228-249.
- BELTRAME, G. R.; BOTTOLI, C. Retratos do envolvimento paterno na atualidade. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, (32), 205-226, 2010.
- BEVILAQUA, C.; BRASIL. **Código civil (1916)**. Código civil dos Estados Unidos do Brasil. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BRASIL. **Lei n 10.406, 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Brasília, DF. 11 jan. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BUSTAMANTE, V. Ser pai no Subúrbio Ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 10, n. 3, p. 393-402, set./dez. 2005.
- CABRERA, N. J.; TAMES-LEMONDA, C.; BRADLEY, R.H.; HOFFERTH, S.; LAMB, M.E. **Fatherhood in the twenty first century**. Child Development, 71, 127-136, 2000.
- DONATI, P. **Família no Século XXI: abordagem relacional**. Trad. João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FARIAS, C. C.; ROSENVALD, N. **Direito das famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.
- FITERMAN, H; MOREIRA, L. V. C. O pai na gestação, no parto e aos três meses de vida do primeiro filho. **Polis**, Revista latino-americana, n. 50, p. 47-68, 2018.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Q. S.; ALVARENGA, P. O envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, n. 3, 1-9, 2016.
- LAMB, M. E. How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In: LAMB, M. E. (Org.). **The role of the father in child development**. 5. Ed. New York: John Wiley & Sons, 2010.
- LAMB, M. E.. O papel do pai em mudança. **Análise Psicológica**. 1(X), 19-34, 1992.
- LEVANDOWSKI, D.; De ANTONI, C.; KOLLER, S. H.; PICCININI, C. Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. **Interações**, 7(13), 77-100, 2002.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. O pai em pesquisas sobre família. In: MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, J. C.; BARBOSA, F. B. (Orgs.). **O pai na sociedade contemporânea**. Bauru: Edusc, 2010.
- NARO, R. C. G.; MOREIRA, L. V. C. Envolvimento paterno em camada popular: estudo de casos múltiplos em Salvador/Bahia. In: Lúcia Vaz de Campos Moreira; Elaine Pedreira Rabinovich; Maria Natália Ramos. (Org.). **Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017, v. 5, p. 123-139.
- PEREIRA, R. C. Responsabilidade civil pelo abandono afetivo. In: MADALENO, R.; BARBOSA, E. (Coords.). **Responsabilidade civil no Direito de Família**. São Paulo: Atlas, 2015.
- PETRINI, J.C. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: PETRINI, J.C.; CAVALCANTI, V.R.S. (Orgs.). **Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SANTOS, S. M. C. B.; MOREIRA, L. V. C. **Estresse, trabalho e envolvimento paterno na contemporaneidade**. Curitiba: Juruá, 2016.
- SILVA, M. R.; PICCININI, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 24(4), 561-573, 2007.
- SOUZA, C. L. C.; BENETTI, S. P. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. **Paideia**, 19(42), 97-106, 2009.
- SOUZA, C. L.; BENETTI, S. P. Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. **Contextos Clínicos**, 1(2), 61-71, 2008.
- THERBORN, G. **Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- TUDGE, J. **The everyday lives of young children: Culture, class, and child rearing in diverse societies**. New York: Cambridge University Press, 2008.